

XADREZ, POKER & ROULETA RUSSA



PAULO
ROBERTO
ALVES DE
ALMEIDA

XADREZ, POKER & ROLETA RUSSA

**PAULO
ROBERTO
ALVES DE
ALMEIDA**

2025

Equipe editorial

TIKINET

comercial@tikinet.com.br

Edição: Reinaldo Jr. e Livia Loureiro

Revisão: Rafaella Martinelli e Mayara Leite

Capa, projeto gráfico e diagramação: Jonathan Leandro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

A447

Almeida, Paulo Roberto Alves de
Xadrez, poker e roleta russa / Paulo Roberto Alves de Almeida. – São Paulo:
Tikibooks, 2025.
E-Book: PDF, 50 p.

*Proposta executada pelo Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da
Fundação Catarinense de Cultura (FCC), com recursos do Governo Federal e da
Política Nacional Aldir Blanc*

978-85-66241-36-5

1. Literatura Brasileira. 2. Contos. I. Título. II. Xadrez, poker e roleta russa. III.
Peixe fora d'água. IV. Homem com H. V. Pesadas engrenagens. VI. Motor a
combustão. VII. Pausa ativa. VII. O lobo da Serra do Corvo.

CDU 821.134.3(81)

CDD B869.3

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

Rua Teresina, 67 – Belo Horizonte – MG – 31230-570

Tel. Fixo 31 34213037

ruth-paulino@uol.com.br

Proposta executada pelo Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da
Fundação Catarinense de Cultura (FCC), com recursos do Governo Federal
e da Política Nacional Aldir Blanc.

**Circuito
Catarinense
de Cultura**



**Fundação
Catarinense
de Cultura**



**ALDIR
BLANC**
Política Nacional
de Fomento à Cultura

**MINISTÉRIO DA
CULTURA**

**GOVERNO DO
BRASIL**
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

*A Elisabete, que ensinou como usar
a literatura para resistir e sonhar.*



XADREZ, POKER E ROLETA RUSSA

NA PRIMEIRA SEMANA TRABALHANDO COMO PROGRAMADOR NOS escritórios de uma grande empresa de tecnologia, Raduan estava radiante, o menino antes tímido, com dificuldades de relacionamento, tinha finalmente encontrado um lugar onde era aceito e valorizado. Na empresa, Raduan podia conversar com pessoas que tinham os mesmos interesses que ele, as conversas fluíam, sentia-se mais confiante, mais solto, quase não se reconhecia. Até quando caminhava percebia os braços mais livres, em um certo balanço, arriscava um gingado até. Vez e outra sentia-se estranho, mas sabia que estava se reinventado e aprendeu a gostar da estranheza.

No entanto, essa lua de mel consigo mesmo acabou na noite de sexta-feira, enquanto pegava o ônibus de volta para casa.

Uma sequência de eventos o perturbou de tal maneira que passou todo o final de semana trancado no apartamento, remoendo sentimentos desesperados, contorcendo-se de raiva e discutindo sozinho. Finalmente exausto, caiu no sono e só acordou na segunda-feira, quando o alarme o avisa que a semana já começou.

Segunda-feira de manhã, cabelo e roupa arrumados, Raduan passa as portas de vidro decidido e ainda mantendo a performance que aprendera na primeira semana, mas não cumprimenta nenhum dos colegas, segue reto em direção ao aquário no fundo da sala, age por instinto, o plano era simples e o resto seria improvisação.

Chegou à sala de Vicente, que estava com os olhos na tela do computador, acima dele um quadro enorme com a foto em preto e branco de um tabuleiro de xadrez. Bateu na porta para mostrar algum respeito, mas foi entrando.

— Bom dia, Vicente! Sorriu, ainda aproveitando a boa imagem de uma semana como o otário da firma.

— Bom dia, Raduan! Um sorriso confirmando que a pequena arrogância ainda não havia sido percebida ou rejeitada. O sorriso foi seguido de uma pausa que Raduan aproveita para avançar e sentar de frente a Vicente.

— Quero fazer uma sugestão aqui para a empresa.

— É mesmo? E qual seria?

— Sabe aquela vaga que você pretende dar para a Brenda? Acho que você tem que dar ela para mim. Como sabe, eu tenho muito mais qualificação que ela, ela mal sabe programar e não entende nada de gerenciamento de projetos.

— Como assim, Raduan, você começou ontem, a Brenda já está conosco há quase um ano, eu sei que você...

— Ah, já entendi! É porque você tá a fim dela.

— Como assim, cara, que falta de respeito.

— Eu vi ela no seu carro na sexta-feira de noite, vocês se divertiram? Ah, não! Claro, foi só uma carona. Vicente perplexo,

tenta balbuciar umas palavras e é interrompido. Ela te contou que tem namorado?

— Não, ela não tem namorado e não tem nada a ver.

— Não tem namorado? Raduan levanta a voz. Ela tá te enganando, cara. Óh! Fica ligado, você viu onde ela mora, né? Lugar de gente perigosa, o namorado dela é maluco, metido com tráfico, se eu fosse você ficava ligado. Ele percebe a reação de espanto, o encara e, aproveitando a falta de reação de Vicente, levanta e sai.

Quando chega à sua mesa, Raduan desaba, respiração ofegante, hiperventila, sente enjoo, o vômito sobe até a garganta, engole seco e tenta respirar, o ar não vem. Porra, eu vou me fuder! Vão me demitir, certeza que vão me demitir, eu sou um impresentável mesmo, não consigo fazer como eles. Olha de relance para os seus colegas, todos parecem concentrados. O peso do trabalho lhe parece insuportável, o encantamento foi embora, como fazem para lidar com isso? Como conseguem seguir em frente, a maioria nunca teve as facilidades que eu tive, lidam com isso há muito mais tempo e seguem em frente, clicando, postando, resolvendo, atendendo, sorrindo e fazendo a sua parte. Eu sei que não vou conseguir, melhor desistir agora, desisto agora e estou livre, preciso sair. Na primeira semana e eu já faço merda! Por que não consigo só fazer o que esperam de mim?

Com o rosto afundado nas mãos, Raduan sente uma pressão morna e aconchegante no seu ombro, é Pedro, que o acompanhou com os olhos desde o momento em que ele atravessou as portas de vidro com o passo determinado e respiração ofegante. E aí? Tudo certo? Entre sentir a mão do amigo e se virar, Raduan

previu a imagem da Carol do RH, achava que vinha comunicar seu desligamento, o alívio de ver o amigo foi restaurador.

— Opa! E aí? Não, tudo certo.

— Chega aí, vamos tomar um café ali na copa. Pedro sai na frente, caminha devagar e se deixa observar por todos.

O Pedro caminha como se fosse dono do lugar, olha para as pessoas e consegue o que quer sem muito esforço, era o que eu deveria ter aprendido a fazer, grandes merda ser o melhor no que faz, o que importa é ser um projeto de conquistador barato. O foda é sentir raiva e estar seduzido por ele ao mesmo tempo. Ele espera que eu fale alguma coisa, mas não quero seguir os mesmos padrões de sempre, preciso continuar sendo esse cara novo que eu ainda não conheço.

— Sabe Raduan, fala enquanto se serve café, eu às vezes me vejo em você. — Ah, não, o cara vai meter essa, seguiu falando alguma coisa que eu nem ouvi direito, mas com certeza é um pouco daquelas merdas que já ouvi meu pai falar, ouvi ele falar também, lembro dos dois concordando e tentando me convencer enquanto almoçávamos juntos, meu pai idolatrando as conquistas do Pedro. Você viu, Raduan? Pedro já tem namorada, Pedro já está trabalhando, virou coordenador, vai virar sócio, ele é o mais responsável entre os seus amigos, já fez tudo isso e é só um ano mais velho que você. Pior que é difícil odiar o Pedro, mas também é inevitável.

— E é por isso que não basta ser um bom programador, é preciso... — Como é? Não basta fazer bem o meu trabalho, não é só isso? Ah, claro tem que ser puxa-saco também e ajuda se for um bom filho da puta, claro. Ele me olha como se eu estivesse

tendo um chique de criança, abre os braços, como quem diz “Ah vai fazer ceninha agora? Vai vir com discursinho de esquerdista? Capitalismo e ética profissional?” Não, Pedro, hoje não, eu vou fazer o que o cara novo faria.

Você sabe por que eu estava lá? Eu estava te defendendo, mas foda-se, quer saber, vou falar tudo o que eu sei e você que se vire, cara.

Algumas fibras do Pedro vibraram, deu pra ver na ponta dos dedos, que quase soltaram a xícara de café, no canto dos olhos, que se espremeram enquanto as pupilas dilataram, e no canto da boca, numa ligeira físgada de anzol. Parece que acertei um encouraçado; se jogássemos batalha naval, quantos pontos seriam? Kkk, rio por dentro, sensação gostosa de estar no controle, achava que meu jogo era xadrez, mas talvez seja poker mesmo. Durou pouco, ele me pega pelo braço e me arrasta, com o rosto bem perto da minha cara, fala se mordendo de raiva, minha confiança vira uma poça de bosta. — Saia por aquela porta e me encontre na escada de incêndio.

Ele apertou meu braço com força, o rosto dele parecia uma rocha em brasa, dava para sentir sua respiração quente e descompassada, me fitou com um olhar vidrado. Então ele soltou meu braço e virou as costas, saindo pela porta sem olhar para trás.

De repente, a cozinha ficou tão silenciosa, como se tivesse prendido a respiração comigo. Fiquei ali por um segundo, sentindo dor no local que ele havia apertado. Antes de sair, ainda pensei se eu poderia simplesmente ignorar, sentar e terminar meu café, fingir que essa cena nunca aconteceu. Mas esse seria o eu da semana passada, então segui com o novo Raduan.

Fechei a porta corta-fogo com força para mostrar determinação, mas na caminhada entre a cozinha e o corredor ainda não tinha dado tempo de bolar um plano. Só dei uma olhada desafiadora para ele, mas fiquei gelado por dentro. Ele chegou perto de novo, e eu quase me borrei. Será que já percebeu que eu sou uma fraude? — Me conta agora tudo o que você falou para o Vicente. — Oh, Pedro, você tá maluco, cara? Tu quer saber o que aconteceu? Foi o Vicente quem me chamou para conversar, e ele ficou fazendo um monte de perguntas sobre você, ele quer entender como é que você está se sentindo com o processo da nova fusão. Ele já tá ligado, cara, até eu percebi que você estava puto com essa fusão. Dava pra ver na tua cara, na reunião.

Então, depois de todo o esforço que você colocou nessa empresa eles vão fazer uma fusão, os sócios vão meter uma baita grana no bolso e você vai voltar a ser só mais um funcionariãozinho? Você deve estar mesmo puto com isso, né? A dureza dele foi murchando, a agressividade deu lugar a um desconsolo, parecia perdido nas suas memórias. Agora me diz uma coisa, como você acha que eles reagiriam se soubessem com quem você anda conversando? Fiquei olhando pra cara dele, agora confuso e amedrontado, acho que sou bom mesmo nesse tal de poker. O olhar dele procurava uma saída, e eu desfrutei daquele momento como um assassino sádico que inocula o veneno na vítima e a assiste se contorcer de dor.

— Então é o seguinte, pensa aí no que que você quer que eu faça, eu vou pegar as minhas coisas e ir para a praia, vê se você consegue o cargo novo que eu pedi pro Vicente, vou esperar a tua ligação, mas não vou esperar muito. É isso!

Pedro continua na escada por um tempo, pensa em correr atrás de Raduan, mas desiste porque ele já entrou no elevador e a cena poderia chamar a atenção de alguém. — A merda é que esse filho da mãe bem que pode saber que eu vendi informações, já que foi para o pai dele que eu vendi, será que eles estão juntos nessa? Não, de jeito nenhum, eu sou mais filho do velho do que o próprio Raduan.



Raduan não sabia o caminho da praia, então acabou pegando o ônibus direto para o seu apartamento e voltou para casa. Quando desceu do ônibus, se viu no meio da praça, com o sol a pino, o brilho e o calor intenso o fizeram perder o equilíbrio, o corpo deu uma amolecida, sentiu que ia desmaiar, vertigem, confirmando que não estava bem, já vem o teto preto e de repente uma lufada de ar entra nos pulmões e ele volta a ver, os olhos focalizam uma sombra e ele consegue chegar até ali.

Se escora no tronco da árvore e toma um ar, lembra daquele dia, que loucura, que puta loucura que eu fiz. Respirou e tomou coragem para seguir em frente, seguiu ofegante pelas ruas, subiu à direita e encontrou o portão do prédio. Finalmente dentro do apartamento, sua pressão começava a voltar ao normal.

Resolveu ligar a tv e assistir novamente ao filme que lhe deu toda aquela inspiração, correu com o cursor para o momento exato, aquele frame, aquele maldito frame em que Ridley Scott vence a banca e ninguém sabe o que fazer, deixou ali, naquele frame, pausado, e então levantou-se e fez o que Ridley Scott faria, foi até o armário e pegou a garrafa de uísque. Se serviu de uma dose, tomou a

seco e olhou pro horizonte. — É isso, e com o punho fechado bateu no tampo da bancada da cozinha, sentiu confiança? Um pouco, talvez o bastante para esperar o que iria acontecer. Mais um gole e a confiança já começa a formigar na ponta dos dedos.

É só esperar, só esperar. Caminhou até a mesa onde estavam as peças de xadrez e, como se estivesse encenando diante de uma câmara, fez um gesto dramático, colocando o rei em xeque. Mas a noite chegou e ninguém ligou, Raduan ficou nervoso, que porra pode ter acontecido?



Depois da conversa com Raduan, Pedro passa no banheiro para se recompor e volta para a empresa, cruza com o olhar de Vicente do outro lado da sala, por entre as portas de vidro, e os mais de 20 funcionários, funcionando de cabeças baixas. Eles se olham e já sabem o que fazer.

Pedro e Vicente nunca conversam no aquário, a sala de Pedro fica no andar de cima, a porta é de madeira maciça, mas os móveis não são tão pesados. Quando Vicente entra na sala, percebe Pedro de pé e com as mãos cruzadas atrás do corpo, aquela postura clássica de chefe visionário, ele não se vira até ter certeza de que Vicente entrou na sala e sentiu sua presença.

Olha ele tentando parecer meu chefe. Ah! Essa fusão vai fazer um bem para essa empresa. Mas o que será que esse pau no cu conversou com aquele amiguinho dele? É bem possível que se juntem para me prejudicar.

— Senta aí, Vicente.

— Fala logo o que você quer.



Pra conseguir dormir, Raduan teve que secar mais um bocado da garrafa de uísque, como não era de beber, não precisou de muito para ficar bêbado e apagar no sofá, deixou o filme em repeat a noite toda, acordou de madrugada com a gritaria e o tiroteio da última cena, pensou: “Porra, será que vai ser assim que vai acabar?” Com o álcool ainda no sangue, dormiu sem perceber, nos sonhos despencava da escada, alguém o empurrava, era Pedro, era sim, era Pedro, era sim, Vicente, Vicente, sim, Vicente, não, era a Brenda, era ela, o tempo todo, tudo isso por ela, por ela e pelas outras que me ignoraram a vida inteira.

O sonho foi se confundindo com a realidade, quando já se sabe que está sonhando, agora tentava voltar ao enredo, como quem tenta continuar no sono, mas sabe que agora já está pensando naquilo que queria que o sonho tivesse se tornado; enfim, quando ele a beija, o barulho da rua já deixa claro que o dia começou.

Desânimo, medo, Raduan sente como se alguém estivesse pisando em cima do seu peito, os piores pensamentos povoam sua cabeça, se vê escorraçado da empresa, humilhado por seu pai, desprezado por Pedro. Ridley Scott também lembra de ressaca e diz: “Mas em que porra eu me meti”. Que seja, piscou os olhos, engoliu a saliva e respirou fundo antes de levantar. Ainda nauseado, pensou que ia vomitar, mas passou. Que seja! Repetiu Ridley Scott,

jogando a bituca de cigarro que iniciava a combustão do seu grand finale! É isso! Hoje eu vou tacar fogo nesses filhos da puta!

Decidido, Raduan foi para o banho, depois fez comida, tentou yoga, meditação, mas não sabia nada dessas coisas e a ansiedade voltava a escalar, abriu a janela e olhou lá para baixo, entre planos e estratégias, para resolver seu problema se distraía com a rotina das pessoas, o que será que aquela ali faz? Ainda não deu tempo de descobrir a rotina de cada um desses ratinhos. Só sei que são ratinhos, dá pra ver que são ratinhos, presos numa roda giratória, que vida de merda! Não quero me fuder desse jeito, para mim seria ainda pior. Aquele cara, por exemplo, ele pode estar fudido, mas, quando sair do trabalho, vai encontrar a namorada, e a vida toda vai fazer sentido, tudo vai ter gosto de vitória, enfim, foda-se! Cada um luta com as armas que tem, mas parece que eu me fodi. Fiz uma aposta muito alta e não vou conseguir bancar.

Foi até o armário e escolheu uma roupa como se estivesse se preparando para um funeral, abotoou a camisa na frente do espelho e se viu magro, fraco, indefeso. Pensou que iam passar por cima dele como um trator, considerou não ir até a empresa e receber a demissão por e-mail.

Mas alguma coisa o fez continuar, seguiu no automático. No ônibus, teve a sorte de sentar na janela e agradeceu porque isso lhe dava a oportunidade de se sentir melancólico e olhar para fora e ver a paisagem passando, era como ver sua vida escorrendo entre os dedos. Quando o ônibus passou pela região dos cracudos, se viu na figura de um deles, pensou que não aguentaria isso, mas que também não iria rastejar de volta para o seu

pai. O poker não era mesmo o seu jogo, foi divertido, mas agora estava acabado. Ainda tentou voltar para o velho e confiável xadrez, forçou a mente em diferentes planos mirabolantes, em algum deles até se excitava e numa jogada audaciosa tomava a empresa e tornava-se um grande empresário do setor de tecnologia, daí o reflexo da janela mostrava aquela cara magra, ainda marcada de espinhas, e a verdade parecia óbvia.

O melhor plano que ele conseguiu bolar e ao que estava se apegando agora era o de aproveitar o excesso de energia que a demissão geraria, ficar muito furioso, quebrar metade do escritório, sair dali e tomar um porre de verdade, beber por vários dias, dormindo na rua e vomitando pelos cantos, até que em um estado deplorável de alucinação e loucura encontrasse coragem para se atirar de algum lugar alto e se espatifar heroicamente atropalhando o tráfego.


Com o passo duro entrou no prédio, respirou fundo e, quando o elevador se abriu, refez o pequeno roteiro, iria sentar em sua mesa, ligar o computador e esperar a visita da Carol, já sabia que seria assim, mas sairia com dignidade, faria um escândalo. Ao abrir a porta da empresa, seu olhar correu em direção ao seu posto de trabalho, mas percebeu que sua mesa não estava mais lá. Parece que não vai dar tempo nem de sentar, caminhava meio perdido quando avistou a Carol vindo em sua direção, ela vinha sorridente. — Vadia, vem sorrindo ainda, deve sentir prazer nisso. — Ai, que bom que você chegou. O que aconteceu com você ontem? Disseram que você passou mal. Enfim, isso aqui tá uma loucura. Não, não se preocupa com a sua mesa, a gente tá passando

por grandes mudanças por aqui, nossa. O que? Não tá sabendo? Ai, claro, você tava doente, não sabe do babado. Então, parece que a Brenda tava saindo com o Vicente e com o Pedro e um não sabia do outro, mas quando descobriram quase se mataram lá em cima na sala do Pedro, daí o Pedro ficou furioso, desceu e xingou a menina de vagabunda para baixo, sabe? E ela respondeu, falou que ela não tava ali para massagear ego de macho frágil, não, acredita? Foi uma loucura. A menina levantou e ficou encarando, corajosa, viu? Machismo, né? Se fosse um cara que estivesse pegando duas mulheres, era um garanhão, ela é vagabunda. Enfim, o Pedro botou o rabinho entre as pernas, mas ela não deixou barato e vazou umas fotos dele que, olha.

Ai, você ainda vai ver, ou não, melhor não. Eu mesma acho que não queria ter visto, mentira, queria sim, kkk. Tá, mas é o seguinte, ai, se acalma Carol. Ui, é que são fotos bem quentes. Mas, enfim. Um monte de gente demitida, Vicente, Brenda, Pedro, daí essa loucura.

E como tudo isso é muito inesperado, a gente está te oferecendo a possibilidade de assumir mais algumas responsabilidades. O Oseias falou muito bem de você, vai ganhar um pouquinho mais também. É uma oportunidade, aproveita. E aí?

Minha cabeça girou 360 graus, puta que pariu, só conseguia ver aquela boca rosa da Carol, cheia de gloss, falando sem parar, mascando chiclete e rindo. Nem sei o que respondi, mas devo ter dito “Claro, conta comigo”, porque agora tô sentado em outra mesa, ainda tentando entender o que aconteceu e se o poker é mesmo o meu jogo.



PEIXE FORA D'ÁGUA

FOI UM SEGUNDO COMPLETAMENTE SEM SOM, UM INSTANTE SEM tempo, aquele intervalo entre os nadas e o depois. Abriu os olhos e se debateu violentamente, como um peixe que recém fora tirado d'água. Só que não é verdade que seu corpo se movimentava rápido assim, foi assim que se sentiu, mas ele está imóvel, duro, rígido, anestesiado da cintura para baixo, foi o que disseram antes de apagar. Não se preocupe senhor, você acordará ainda sob o efeito da anestesia, seu corpo estará anestesiado. E, conforme se lembrou, relaxou e começou a adormecer novamente, tudo aneado. Mas agora, sentindo algum conforto, o corpo ia dormir e não tinha problema. O corpo ia dormir, tudo ficou muito claro, um clarão de fato que se misturou à brancura da espuma do mar, sentiu que estava no fundo do mar e uma onda bem pesada o empurrava contra o fundo.

O peito sentindo a areia embaixo e a pressão de uma onda pesada o bastante para deixar seu corpo imóvel, duro, rígido, anestesiado. Lembrou da anestesia. O quê? Abriu os olhos novamente,

pensou no peixe, mas só pensou, o corpo ainda não obedecia, se debater contra o casco do barco era para os vivos. Ele, de certo, já estava quase morto, travou a visão no teto do quarto, na mancha verde no canto do teto. A mancha era real, era a coisa mais real que havia, fixou o olhar na mancha, sentiu o pescoço doer. Ao menos algum músculo respondia aos seus comandos voluntários, mais um pouco e sentiu os ombros, as pernas ainda estavam mortas. Buscou a memória de minutos atrás, aquele éter proporcionado pela anestesia, quando o corpo era só um invólucro, uma embalagem da alma, agora, começando a se mexer e a responder a comandos, o corpo já se mistura com a própria mente, a mente está poluída pelos anseios da carne. Foi por um momento só, deveria ter aproveitado, deveria ter estancado por mais um segundo, renunciar ao chamado da vida, que na verdade é um fardo, lutar pela vida é um fardo. Quanto será que tinha morrido naquele dia?

O que não aceitava era ter que ir desistindo, minguando, murchando. Queria sair triunfante, cavalo novo abatido no campo de batalha, imortalizado na memória dos que o viram lutar. Essa era a imagem que lhe servia de norte, que o fazia acordar de manhã e seguir com a série de exercícios, manter a forma, continuar indo para o mar, continuar e continuar, até não poder mais, e aí, então, quando fosse a hora, encarar a natureza pela última vez e perder, perder pela última vez. Ser sepultado no fundo do mar seria a glória.

Perder é difícil, mas pode ser libertador; quando se aceita que a vida é para perder, não há nada mais entre o sujeito e o reino

dos céus. Uma estranha sensação de invencibilidade percorre o corpo do que se deixa derrotar sem se sentir humilhado. A derrota, tomada dessa forma, abriga um paradoxo, o invencível é o que já sentiu a dureza do chão, se aprofundou na realidade e só caminha porque obedece à natureza do caminhar. Vai carregar no buxo da derrota o feto da novidade, vai se deixar parasitar de futuro e esperar no fruto, no que vem, no que brota dentro de si, no que germina ignorando o sacrifício do seu genitor.

Levantar antes do sol era a regra antes do acidente, agora a rotina é se virar para o lado e tatear na mesinha em busca dos comprimidos que fazem o tempo parar. O céu, o vento e o mar, a cada vez que a lembrança os traz de volta, são o gatilho para mais uma dose, um corte seco na memória, uma recusa decidida e viciante. Depois de decidir desistir, um pequeno roteiro se firmou, e nessa narrativa ele se inseriu e confiou.

Já não era mais jovem, vivera o que poucos viveram, todas as aventuras que um homem pode querer, foi além e agora iria se despedir desse jeito. No início parecia um ato heroico, mas a morte tardou em chegar, e o medo e, principalmente, a solidão o quebraram. Tentou desistir desse caminho, mas a essa altura já não era mais o senhor dos seus atos e prostrado na cama soube da morte da mãe, dos amigos e de parentes mais distantes. O corpo foi definhando, sem forças, esperava que finalmente a morte viesse para libertá-lo, mas o tempo continuou passando e ela não chegava, não chegava nunca.

Aos 90 anos, falido, foi despejado do apartamento, passou a vagar pelas ruas, dormir na calçada, contraiu doenças,

sentiu todas as dores e esperou, esperou, mas a morte não veio. Quando caminhava, sentia os ossos como peças soltas dentro de uma geleia mole, o pulmão era pequeno e emitia som agudo quando respirava, um silvo, como um assobio de alguém sem carnes nos lábios.

O coração não tinha compasso, e o sangue parecia gélido e inerte. Quando passou por uma banca de jornal, contou os anos, estava vivo há 136 anos. Condenado a viver para sempre, foi o que lhe passou pela cabeça.



HOMEM COM H

A PRIMEIRA PALAVRA QUE ENTENDERA FOI UM GRANDE E SONORO NÃO, seguido de uma rajada de outros Não! Não! Não, e foi como ser alvejado por palavras, faltou-lhe reação, simplesmente arregalou os grandes olhos ainda vivos e cheios de cor, enquanto a saliva escorria pelo canto da boca; por fim, entendeu que ela era muito mais forte e resolveu largar a bolacha que seus dedos gordinhos se atreveram a alcançar antes da hora do almoço. E este foi só o começo; com o tempo, os disparos da mãe se fizeram frequentes, mas não surtiam o mesmo efeito. Conrad a olhava por debaixo das sobrancelhas, desafiando sua artilharia já impotente, e, então, a mãe entendeu que não bastavam palavras e juntou a estas palmadas, chinelos, frutas e utensílios domésticos, de acordo com o que estivesse ao seu alcance e o nível de estresse que alcançava. E, assim, antes de completar dois anos, Conrad já acumulava alguns hematomas e cicatrizes internas indeléveis. Os ataques costumavam vir acompanhados de ofensas a ele e ao pai, verdadeiros surtos histéricos que só cessavam quando a mãe

acendia um cigarro e olhava os campos de arroz pelas frestas da janela basculante da cozinha.

Os ataques não eram a pior parte; esses momentos, por mais traumáticos, mantinham Conrad em contato estreito com a mãe. Ele chorava até mudar de cor, é verdade, mas nunca alcançava o tom azulado, quase roxo, de quando sua mãe o trancava dentro do quarto para poder sair pela noite com o marido. Os vizinhos certamente a repreendiam por este ato de abandono, mas sem levar o caso muito adiante, na verdade apenas comentavam em conversas reservadas para não dar o direito de outros meterem-se nas suas vidas.

Quando Conrad chegou ao tamanho de poder empunhar uma enxada e carregar sacos de areia e terra, o pai entendeu que já era hora de colocá-lo no serviço. Eles tinham apenas um cavalo, eventualmente um porco ou umas galinhas e umas poucas lavouras nos fundos da casa, mas Conrad tinha que estar de pé antes de a carona de seu pai fazer barulho na esquina de sua rua. O pai cuidava de outras fazendas e saía cedo para a lida; antes de sair, olhava-o com um pouco de desprezo e orgulho e ordenava as tarefas a serem cumpridas. O rigor do pai era sentido na pele, e por muito tempo Conrad teve que aprender a dormir com o corpo esfolado pelo trabalho e pelo relho do pai. Aos 12 anos, Conrad sentia medo e queria fugir, mas não tinha para onde ir, e quanto mais tempo ficasse longe de casa, maior seriam as surras e em dobro estaria o trabalho a lhe esperar.

Mas com o tempo, Conrad passou a sentir o brio de estar no comando da casa quando o pai não estava, à frente das tarefas árduas, masculinas, sérias, e por isso arava a terra e tratava os bichos como ressarcimento de sua força, que finalmente encontrara um

lugar para existir. A mãe passara a obedecer ao marido e ao filho, que agora passava pouco tempo dentro de casa, muitas vezes, não voltava nem mesmo para comer, pois levava alguma comida para perto da coqueira e alimentava-se ao lado dos animais. Mesmo com os trabalhos do pai, o emprego de diarista da mãe e o que conseguiam colher do trabalho de Conrad, ainda faltava-lhes muito e, então, decidiram que era melhor Conrad ir para a escola, economizariam com a alimentação e quem sabe o estudo lhe desse as chances de um bom emprego.

Foi um período de intensas descobertas, aprendeu como enrolar cigarros, a se embriagar, a arrebentar quem atravessasse seu caminho e a conquistar as coisas pela força. Foi nesta época, também, que despertara a sexualidade. Ouvia as histórias e entendia as malícias, meninas e mulheres deviam ser chamadas de cadelas, éguas, vadias, putas, passou a medi-las pelo tamanho dos seios, ancas e coxas, mostrava-se um experiente no assunto, mas contraía-se de medo se ficasse perto de alguma que se mostrasse interessada por ele. Assim, sem ter uma chance real de satisfazer o apetite de seus hormônios e a ansiedade de suas vontades, encontrava-se sozinho nos banheiros, treinando para o dia em que esse momento chegasse.

Seu pai não lhe cobrava resultados da escola e, desde que perdera o emprego na fazenda, passava mais tempo em casa, bebendo e dormindo durante o dia e recebendo os amigos para as jogatinas durante a noite. Sua casa virara um verdadeiro cassino, o pai dizia que os jogos rendiam uma grana alta, mas a mãe só via prejuízo. Os jogos atravessavam as noites, e, enquanto houvesse bebida, não havia

perspectiva de fim; eventualmente a bebida acabava enquanto os jogadores ainda estavam animados, e então saíam para buscar mais bebida e continuarem a noitada. Foi naquela vez em que Conrad estava ao lado do pai enquanto este jogava, estavam íntimos como nunca, compartilhando algum senso de cumplicidade, quando os homens se olharam e alguém disse: “Parece que a noite vai ter que acabar lá pras bandas do arroio hoje...”. O pai deu uma risada maliciosa e disse: “Acabou a bebida de novo, né? Então vamos!”, e baixando as cartas na mesa mostrou o jogo vencedor, deu um abraço ganancioso no dinheiro depositado sobre a mesa e disse: “Não fiquem chateados, pago uma rodada para vocês”. Um barulho de cadeiras sendo arrastadas, vozes enaltecidas e Conrad se afastando do bando. Então a sala esvaziou-se, e seu pai é o último a sair, mas antes virou-se para Conrad e ordenou: “Vamos nessa, ô piá!”.

Entrou no carro excitado e com medo, risos e bebidas, a conversa tinha a mesma malícia daquelas dos corredores da escola, mas agora Conrad sabia que era para valer, era uma chance real, mas também seria uma prova de fogo. Quando percebeu, já estava dentro de um quarto desbotado tentando encontrar uma ereção que o fizesse cumprir com seu dever de macho; depois de algumas tentativas frustradas, finalmente despejou sua ansiedade sobre o assoalho do quarto, a mulher achou bom, não teve trabalho de se despir por completo e elogiando seu desempenho de garanhão aos outros sabia que teria um cliente fiel por um bom tempo. Dinheiro, bebida e mulheres, Conrad sentiu que havia conquistado o mundo e voltou para casa satisfeito por finalmente ter um plano para a vida toda.



PESADAS ENGRENAGENS

ANTES DO MOVIMENTO, HÁ O PRENÚNCIO: O SOM DAS CALDEIRAS em ebulição, das fornalhas que transformam a matéria bruta em calor, da energia que se transforma e se impõe contra a natureza inerte da matéria. Então se há movimento é porque houve ambição: desde a vontade ansiosa e instável de um elétron que se agita por uma quimera de energia, até a pesada estrutura de ferro de uma locomotiva que exige muitos cavalos de força para satisfazer seu deslocamento, todos têm seu preço. Lúcia queria ser um elétron, queria ser como Anita, mas se sentia a própria locomotiva estacionada, pesada e imóvel. No exato momento em que pensava nisso, seu ônibus passava pela antiga estrada de ferro que corta o estado. A imagem dos trilhos a fez pensar sobre o peso do seu corpo, sentia-se como uma pesada locomotiva que antes de deixar a estação anuncia seu consumo interno de energia ao som de apitos e uivos que suplicam que a deixem em paz, que desistam desse forçado movimento. Não havia melhor metáfora para pensar em si mesma, uivos, apitos, engrenagens

e pistões, uma barulheira que a deixava apavorada e revelava a luta interna entre suas engrenagens. Não há como escapar, ela sabe que as fornalhas estão cheias de lenha e a cadência ritmada dos mecanismos aponta para um movimento que por dentro já começou, mas que pode não levá-la a lugar algum e sim fazê-la sofrer até, por fim, arrear sem sair do lugar.

Foi assim naquele dia, engrenagens e apitos eram tambores e cantos. Anita dançando no meio da roda como um elétron excitado, Conrad também estava excitado, todos estavam, uma nuvem de elétrons girando ao seu redor, dentro de Lúcia queimava a fornalha. Ela estacou no canto da roda sentindo-se violada por cantos, gritos, corpos e toques não consentidos. Com um sorriso plástico, tentava disfarçar o sentimento de repulsa e juntando as mãos mimetizava as vigorosas palmas dos que acompanhavam o ritmo da música. Agora sentia a mesma ardência de fogo que queimara seu estômago naquela roda de samba; daquela vez a energia da fornalha não foi suficiente para colocá-la em movimento e ela assistiu passivamente Anita dando em cima de Conrad, mesmo depois de ter confessado à prima sua paixão pelo rapaz. Anita desprezou seus sentimentos, lembra-se do calor aumentar, havia energia suficiente para agir, mas naquele dia o trem não saiu da estação.

Ela queria acreditar que o tempo tinha passado, que ela mudara, mas sentia a inércia tomando conta do seu corpo, com o ônibus em movimento não sabia se iria ter coragem de fazer o que sente que deve fazer. Pressente o medo rodeando e este pressentimento o faz chegar de imediato, respira fundo e prepara-se para

um novo ciclo de pânico e ansiedade, mas então o ônibus para, o motorista se dirige aos passageiros: “Pausa para a janta, pessoal!”.

Quando se prepara para levantar, percebe que já estava sendo observada por outro passageiro, um jovem rapaz que está de pé e movimenta-se sem pressa à distância de alguns bancos antes de Lúcia. Ele estica o corpo em movimentos lentos e expirações espremidas entre gemidos, demonstrando um corpo em boa forma física. A fornalha do estômago queima novamente, é hora de agir. Levanta-se e caminha em movimentos pendulares, é como se o ônibus estivesse ancorado em um cais e o balançar das ondas dificultasse o seu caminhar. Quando chega perto do rapaz, se desestabiliza e acha apoio nos braços do jovem. Ao se escorar nele, aproveita para olhar dentro dos seus olhos e percebe o olhar de corça capturada, o rapaz está assustado. Não achou que seu flerte teria resposta tão imediata. Lúcia se satisfaz, realmente mudara, não é a mesma menina tola que uma vez não soube sambar; um sorriso quebra o gelo, o rapaz relaxa um pouco, ela agradece e vira o corpo para ele, mantendo o olhar por cima dos ombros.

A conversa transcorreu amena durante o jantar, o rapaz era um estudante universitário com muitos hormônios e poucas experiências. Não estava realmente interessado em Lúcia, mas agradava-se de ouvi-la contar algumas histórias e principalmente de falar sobre si, ao menos nesses momentos conseguia controlar a sua ansiedade e o medo que Lúcia causava quando o encarava e se insinuava sexualmente. Assim, manipulando as vontades sexuais do rapaz, simultaneamente como

estímulo e repressão, Lúcia percebera que estava lidando com um confortável jovem de classe média a caminho de uma boa vida. Não sabia o que fazer com aquela informação, agira por impulso, como aprendera a fazer para sair do seu estado sufocante de inércia; agora que o rapaz se revelara, não sabia mais o que queria.

Mas o rapaz não viu desta forma. Encorajado pelas conversas e insinuações de Lúcia ele tomou a decisão de comprar algumas bebidas e convidá-la para se sentarem juntos nos fundos do ônibus. Lúcia recusou; ele achou que ela estava jogando, se fazendo de difícil, ficou frustrado. A cada ecoar de lata que se abria, Lúcia lembrava-se de Conrad e era como um coice em sua consciência. Então, quando já estava decididamente bêbado, o rapaz resolveu se aproximar da sua poltrona. Sentou-se ao lado e tentou passar a mão em suas coxas, ela lhe deu um tapa nas mãos e o olhou, revoltada.

— Achei que você gostasse de uma festinha. — Falou com uma voz pastosa e os dentes salientes

— Eu sou casada e estou grávida. — Disse Lúcia mantendo os olhos inquisidores, mas o rapaz não aceitou.

— Então porque ficou dando mole para mim? — Fez questão de falar bem alto e desencadeou uma movimentação de olhares curiosos.

— Só puxei assunto, estava sendo educada. E você parecia interessante, mas agora está bêbado.


Um homem coloca meio corpo para fora do assento e manda o rapaz se sentar, a mulher dele ameaça chamar o motorista.

O rapaz respondeu: “Shh! Cale a boca e vai cuidar da tua mulher”. O homem se levanta, mas a mulher o segura pela cintura para contê-lo. Sentindo-se intimidado, o rapaz voltou para seu assento e logo pegou no sono.

Com o ocorrido, Lúcia sentiu-se ainda mais pesada e incapaz. Por que não fora até o fim com o rapaz? Talvez fosse disso que estivesse precisando, um pouco de adrenalina, menos raciocínio, mais impulsividade, leveza. Pensou que sua prima teria ido até o fim, sem culpa, sem ressentimento e no fim tudo dava certo para ela, era até capaz de casar com este rapaz que futuramente iria se revelar um legítimo herdeiro de uma fortuna e sua prima iria gozar de toda a riqueza, também sem culpa, ou responsabilidade, torrando-a com joias, jantares e roupas, talvez um dia ao passar pela pobre prima mal vestida estendesse a mão para fora de seu carro importado e lhe desse alguns trocados, como fizera com Conrad, adquirido depois de usado e rejeitado. Continuara com esse sentimento, com esse peso por toda a viagem, e ao descer do ônibus, na última rodoviária do itinerário, sentiu-se ancorada a um banco de madeira de onde fitava o partir e o chegar dos ônibus. Estava tão cansada, pareceu-lhe que fizera uma viagem de uma vida inteira e que não podia mais ir adiante, não havia motivos.

Observava rostos, eram cheios de vontade, revelavam destinos, e ela não se parecia com nenhum deles, ficou ali imóvel e aprendeu a gostar daquele momento, que era bom porque era nulo, vazio. Estava ali apenas e resolvera que não iria mais aceitar provocações de seu estômago quente, iria esperar a

temperatura baixar e manter-se em repouso. E em repouso, ainda sentindo as marcas que o banco deixara em suas pernas, comprou uma passagem e tomou o caminho de volta para a casa de Conrad.



MOTOR A COMBUSTÃO

LÚCIA ATIRA A BICICLETA NA ENTRADA DO TERRENO E O atravessa com o mato roçando suas pernas, passa os olhos pela pilha de latas de cerveja e restos de lixo que ficam escorados no muro da casa e, antes de abrir a porta, percebe o julgamento alheio rondando seus movimentos. Ao cruzar a sala, em direção ao banheiro, cuida para não fazer muito barulho, mas nem precisava, pois Conrad tem sono de pedra depois de noites como a de ontem. Tira a caixa de papelão de dentro do saco plástico e, nesse movimento, faz cair o cupom fiscal da farmácia, apressa-se para pegá-lo e enfiar no bolso.

A corrida até a farmácia a deixou eufórica e ela sabe que precisa se acalmar. Encara o espelho como fazem os marinheiros que procuram um ponto fixo para firmar o olhar e evitar as náuseas. A imagem do rosto oscila como o balanço de uma embarcação. Procura focar as feições, um rosto magro com linhas retas e ossos salientes, mas o que insiste em aparecer são as atitudes, as coisas que a dona daquele rosto fez. Fecha os olhos e exala o ar

em busca de concentração. De olhos fechados, tenta ver aquele pontinho brilhante no centro exato da escuridão, que se oferece por breves segundos antes da poluição de imagens dos pensamentos invadir, e aos poucos, a respiração e a pressão sanguínea voltam à normalidade. O som do ar empurrado pelos pulmões é rebatido pelas paredes sombrias do banheiro apertado, que devolvem o som trinta vezes mais forte aos seus ouvidos. O som assemelha-se ao apito de uma locomotiva e ajuda a calar as vozes que vêm da sua cabeça. A calma não chega, mas ela está o mais perto que se pode conseguir e agora o que resta é esperar.

Segundos, minutos e a cabeça de Lúcia percorre a memória euforicamente. Não há imagem que lhe ofereça um porto seguro, não há coragem para o que está por vir. Um teste de farmácia pode estar errado, mas três certamente não estarão. A medida em que o último teste confirma os resultados anteriores, as paredes se aproximam e só lhe resta o espaço de sentar sobre o vaso e afundar o rosto nas palmas das mãos em desespero. Enquanto aperta os olhos contra os dedos nervosos, as paredes continuam a crescer e da altura de pinheiros adultos a vigiam e imobilizam. São paredes firmes e imponentes, não vergam para o vento, mas certamente cairão sobre sua cabeça, caso ela ouse abrir os olhos. Encara o chão e a ânsia de vômito renova o pânico, as paredes manchadas de bolor lhe fazem pensar na textura daquilo que lhe sobe à garganta. Sente nojo da sua pele, que é viscosa e grudenta como as paredes daquele lugar, sente nojo por inteiro, mas consegue levantar-se, abrir a torneira, bocejar e cuspir um punhado de água, que escorre para um ralo escuro. Segurando as bordas

da louça da pia, encara a imagem do espelho com raiva, não sabe quem a encara do lado de lá, mas dane-se, este era o tempo que tinha para sentir medo. É hora de tomar as rédeas da situação, não há espaço para dúvidas, não há espaço para dois sentimentos e, então, só lhe resta a violência.

O som das carretas carregadas que trafegam pela estrada em frente à sua casa rebate contra as paredes, faz toda a casa vibrar e tira Lúcia daquele transe, então ela percebe que horas são. Como se despertasse de um sonho, sente a luz do sol, que já é intensa e faz irromper um dia claro e duro lá fora.

A luz invade a casa pelas frestas das janelas, portas e telhado. Quanto tempo ficou naquele banheiro? Sabe que, embora tenha o sono pesado, Conrad funciona como máquina, à hora certa acorda, dá partida no carro, uma, duas, quantas vezes for necessário até fazer a teimosia colocar o motor em funcionamento e, então, ganha a estrada em direção às lavouras. Há, portanto, pouco tempo até que Conrad seja colocado novamente em funcionamento. Decidida, ela gira a chave da porta do banheiro sentindo a pressão do metal contra os dedos, abre a porta em um movimento único e suave para não fazê-la ranger, movimenta-se controlando a respiração, que se torna densa ao passar pela garganta e nariz e ao chegar à porta do quarto avista Conrad sem camisa, deitado de bruços com um braço para fora da cama. Por um segundo, Lúcia considera passado, presente e futuro e não se espanta com o fato de que a figura de Conrad é a mesma em todas as situações: o braço jogado por cima de qualquer coisa e aquela boca fedorenta aberta fazendo barulho. Ela pensa: “Ele é

tão estúpido que é capaz de querer ter um filho, para ele tanto faz”. Enfia a mão no bolso da calça jogada em cima da cadeira que fica ao pé da cama, procura o dinheiro que ela pensa não passar de uma indenização justa por todo o transtorno que ele causara e sai em direção à rodoviária.

Dentro do ônibus, observa as sequências de morros e plantações infinitas, uma quantidade enorme de terra de poucos donos. Entre os campos, algumas vilas sujas e populosas como a sua. Pensa nos muitos Conrads que existem por ali, homens que só servem para beber, trabalhar e fazer filhos, e mulheres que só servem para aceitar, trabalhar e criar filhos. Do alto de seu assento, finalmente entende que não passam de peças de uma engrenagem. Não estão no comando de suas vidas. Ao se aproximar de uma cidadezinha, ela entende que quanto maior for a cidade mais liberdade e poder estará ao seu alcance.

Naquele instante, a imagem da cidade grande lhe vem à cabeça, ali onde as coisas giram e as engrenagens são tantas que não é preciso estar ancorada a um bêbado qualquer em um casebre sujo qualquer. Antes, porém, ela precisa cruzar mais algumas cidades e chegar até o lugar onde resolverá o problema que a tirara da cama nesta madrugada.



PAUSA ATIVA

PAUSA ATIVA, O QUE É, AFINAL, UMA PAUSA ATIVA? BEM, É COMO ficou conhecida a ginástica laboral aqui na empresa em que trabalho, trata-se de exercícios realizados durante o expediente de trabalho e que deveriam ajudar a aliviar o estresse físico e mental da atividade profissional extenuante. Para mim, não passa de uma grande asneira! Eu, que já considero ultrajante submeter meu conhecimento aos interesses mesquinhos desta empresa, venho para o centro deste escritório fingir que o mundo está em um lindo equilíbrio quântico, e isso só me irrita. A Nanci adora essa coisa, ela que conduz os exercícios. Olha para ela, toda concentrada em inspirar, expirar, alongar e relaxar. Eu, quando inspiro, trago o ar infesto de hipocrisia para os meus pulmões, quando expiro, destilo meu veneno lentamente, alongar, eu me recuso, porque não vergo para essa palhaçada, e só me permito relaxar quando chego em casa e posso mandar todos à merda.

— E... expira, aaah! Helena, tenta relaxar.

— Tô relaxada, se relaxar mais, durmo.

— Agora vamos dar as mãos em um círculo, e, jogando as costas para trás, pensar em coisas boas.

— Tipo, jogar vocês duas pela janela do quarto andar, há! Há! Ainda bem que não pensei isso em voz alta.

— Nanci, adoro suas atividades, eu ando tão estressada com os novos projetos que estamos assumindo aqui na empresa...

Sim, a Carol adora relaxar, porque deve mesmo ser um baita estresse chegar todo dia às dez da manhã, com o cabelo molhado, uma garrafinha de água e a toalhinha da academia, passar mais de uma hora fofocando na sala da Ingrid e depois ficar se esfregando com os diretores perto da mesinha do café. Pelo menos a Nanci é uma pessoa decente, tem que trabalhar para pagar as contas, é esforçada, preza pela qualidade do trabalho e não se acha melhor do que ninguém. Oh! Nanci, este teu idealismo ainda vai te matar.

Bem, finalmente, consigo sentar à minha mesa para fazer este trabalho mal valorizado e medíocre. Eu bem que gostaria de ter a capacidade de fazer de qualquer jeito como o resto de vocês, mas isto me seria ainda mais nocivo, ficar opaco como vocês. Se ao menos entendessem a dificuldade de transformar estas informações complexas em frases palatáveis ao público imbecil desta revista. Mas ninguém quer realmente conhecer as coisas, eles querem uma informaçãozinha que lhes faça um carinho no ego, como um cachorrinho que vem correndo dar umas lambidinhas na sua perna e se rola para você fazer um carinho na barriga.

— Helena, o que você acha disso?

— Uhm! Gostei, Nanci (não é hipocrisia, ela realmente é interessada, o trabalho dela é bom).

— A Carol está me enchendo o saco para terminar logo, mas não quero fazer de qualquer jeito, achei que aqui poderíamos construir um infográfico que facilitaria a visualização de toda esta informação, mas ela me disse que vai estourar o orçamento deste projeto.

— Há! Estourariam o orçamento se nos pagassem o que devem.

— Como assim? Teu salário está atrasado?

— Não, Nanci, digo um pouco impaciente. Eu quero dizer que... Deixa para lá, não é hora para discussões políticas.

O cheiro quase masculino de desodorante aproxima-se, e elas sabem que Carol está desfilando pelo escritório e logo a terão sobre suas costas. Reviram os olhos para cima, como quem diz “Lá vem ela”; preparam sorrisos e se viram para receber a subcoordenadora.

— Meninas, vocês vão almoçar?

— Já almocei, diz Helena.

— Sério? Não vi, você bateu o ponto?

— Almocei ontem, mantendo a seriedade que deixa a subcoordenadora constrangida.

— Ai, é uma loucura, né?.

— Tem razão, não vale a pena, responde Helena, que em um único movimento afasta a cadeira da mesa com a parte de trás dos joelhos, apanha a bolsa que estava pendurada no encosto e aponta para sair. A decisão intempestiva não espanta as colegas, mas as coloca em movimento, como se estivessem de acordo

com alguma decisão acertada. No entanto, o movimento é interrompido ao perceberem uma estranha agitação que reorganiza a atmosfera do local. Parece que todos, simultaneamente, resolveram pensar na melhor postura, ajeitam-se nas cadeiras, inspiram e movimentam papéis ao perceberem a presença de Ingrid no escritório. Carol já não está mais ao lado delas, pois apressou-se para estar próxima à coordenadora. Ingrid estaca em frente às vias de acesso vestindo um blazer preto que não dá conta de todo o seu corpo, vocifera um “Muito bem”, seguido de uma pausa que ordena a todos que se acalmassem para receber mais um comunicado.

— Como todos sabem, periodicamente realizamos nossa avaliação 360, que consiste em uma metodologia democrática de avaliação. Todos devem se auto avaliar, assim como devem avaliar todos os colegas, a análise nos permite conhecer o trabalho de vocês mais a fundo. Vocês já receberam por e-mail o comunicado e têm até o final do dia para preencherem o relatório. Qualquer dúvida pode ser removida com a Carol, bom trabalho.

Recebi a notícia, confirmei meu ódio por esta empresa e desci para almoçar, mas estava sem fome. Eu e a Nanci somos as que mais sofrem na hora do almoço, há poucas opções vegetarianas na praça de alimentação do prédio e muitas vezes os atendentes parecem não entender o que come um vegetariano, ou simplesmente acham graça em nos fazer comer frango.

— Eu perguntei se tinha alguma coisa sem carne.

— Então, não tem carne, é frango.

— Poxa, amigo, que bom que pude trazer alguma alegria para esta tua vida miserável.

Eu xingo e mando devolver o meu dinheiro, faço o gerente aparecer e me pedir desculpas, faço tudo isto com esta carinha de boneca de louça que mamãe me deu, fica bem mais fácil, ninguém espera o tipo de insulto que vai sair da minha boca. A Nanci não, lembro do dia em que ela sentou na minha frente e abriu a empada “vegetariana” com a pontinha do garfo para descobrir que lá dentro tinha pedaços de carne de porco. “Vai lá reclamar, Nanci”. Mas ela ficou com pena do rapaz que a atendeu, achou que fazia parte do destino se sacrificar para poupar o emprego do coitadinho, meditou, pediu desculpas ao porquinho e comeu. Depois passou mal porque não colocava um pedaço de carne na boca há uns oito anos, teve que ir embora mais cedo e descontaram do seu salário, do que ela também fez questão de não reclamar. Afinal, ela realmente não havia trabalhado naquela tarde, então lhe pareceu justo. Oh, Nanci!

Enfim, isto foi no ano passado e eu espero que ela já tenha aprendido alguma coisa sobre “ser a boa samaritana”. Agora, estamos sentadas em uma das mesas da praça de alimentação, de frente para a churrascaria onde os rapazes do escritório costumam almoçar. Eles estão se servindo e noto o ar festivo entre eles. Há entre três deles uma cumplicidade conhecida e uma disposição para fazerem o quarto integrante do grupo satisfeito. A cultura mesquinha da empresa contamina todos os seus funcionários.

— O João vai se ferrar.

— Como você sabe? Ele cometeu algum erro grave?

— Não, e isso também não seria motivo, não é disso que se trata. Tá vendo as câmeras, e aponto para as câmeras de vigilância do prédio. Você está numa merda de um reality show. Nanci acena, parece que está começando a entender como funcionam as coisas.

Helena sente o cheiro quase masculino do desodorante de Carol, ela está conversando com outros funcionários em outras mesas. Já passou por quase todas e o fato de ter deixado a delas por último não é um bom sinal. Fazer conchavos é a parte mais fundamental do trabalho de Carol e se elas ficaram por último é bem provável que uma delas está na mira de uma de suas armadilhas. Helena já conhece as artimanhas de Carol, mas Nanci ainda acredita no ser humano e ficar junto a ela pode ser perigoso.

— Tenho que ir, diz Helena a Nanci, calculando que ainda tem tempo para sair daquela situação.

— Preciso ir ao banco resolver umas coisinhas, depois nos falamos. Ela percebe os olhos redondos acaramelados lhe pedindo compaixão como um filhote desamparado, mas antes que Nanci pudesse se oferecer para ir junto, Helena já está caminhando em direção à saída do prédio.



Caminhei às pressas esses dois quarteirões e agora estou ofegante, tenho dificuldades para abrir a porta do meu apartamento, pareço ter quinze dedos em cada mão e nenhum deles é capaz de encontrar a chave certa. Quando percebo, já estou

dentro do banheiro e não sei dizer se a porta do corredor ficou aberta. Penso em tomar um ansiolítico, mas quando encaro o comprimido na palma da minha mão, lembro que hoje pode não ser um bom dia para isso, ainda é preciso ficar alerta. Me dirijo à sala, por sorte ainda tenho uma tela em branco, ajeito-a sobre o cavalete e começo a espalhar a tinta com as mãos, começo pelo vermelho que me faz pensar que a cabeça da Carol explodiu em milhões de pedaços, encontro o vermelho com gotinhas azuis e verdes e atrás dessa mancha, que representa a cabeça da Carol explodindo, existe uma sombra mal definida, provavelmente a Ingrid, que pode ser quem puxou o gatilho nesta cena, mas talvez tenha sido eu. Limpo meus dedos com um pano e começo a pintar com o pincel, aos poucos novas formas vão surgindo, agora bem definidas, ainda vejo os pedacinhos do crânio da Carol, mas agora estão disfarçados sob uma tranquila imagem da savana. Os campos cerrados me acalmam, lembro das pescarias com meu avô, dias enormes em volta do lago esperando aquele hora do dia em que o sol faz tudo mudar de cor e a gente se sente como se estivesse dentro de uma pintura. Foi essa sensação que busquei na faculdade, foi por isso que aprendi a pintar e ironicamente foi por conta dessa busca que acabei trancada dentro daquela redação. Enfim, parece que perdi a noção do tempo brincando com as cores, mas ainda vou fumar um cigarro e contemplar a vista da sacada, já sei que a Carol deve ter preparado uma boa cilada para mim. Ela não perdoa quem decide sair do seu raio de alcance.

Chego ao escritório no dia seguinte, ninguém me percebe, ainda estão tensos com a avaliação, imagino. Mas, mal tenho

tempo de ligar meu computador e tentar acessar meus e-mails e novamente o escritório está com aquela agitação causada pela chegada da Ingrid, agora um pouco mais intensa. Ainda me sinto de ressaca da minha tarde de pintura, e acho graça em olhar para a Carol e imaginar os pingos de tinta azul e verde ao redor do seu crânio despedaçado.

Não consigo me concentrar nas palavras de Ingrid e aproveito para acessar o relatório da avaliação que já está no meu e-mail. O relatório revela que João não foi traído pelos colegas como eu havia previsto, mas a Nanci foi. E ali está ela, no canto da sala com a maquiagem borrada de tanto chorar, sem entender o motivo de tantos adjetivos para classificar seu comportamento. O sangue sobe às minhas têmporas, por que ela não se defende? Por que aceita tudo tão passivamente?

— Esta avaliação é um absurdo!

— Como? Questiona Ingrid. Sinto a hecatombe que minhas palavras produziram e a fúria que toma conta de Ingrid, mas agora não posso mais recuar.

— Na verdade, isto não passa de uma forma de coagir aqueles que mais trabalham aqui dentro, e mantê-los explorados e obedientes. Meu dedo em riste aponta para a mesa e bate nela repetidamente. Aproveito o silêncio causado pela falta de reação de todos e continuo.

— Porque para cada produtor de conteúdo dessa revista, existem uns seis ou sete gerentes que não têm o menor conhecimento sobre a natureza desse trabalho, mas ainda assim se sentem em condições de estender suas críticas àquilo que eles não

entendem. Já estou de pé e, fazendo movimentos circulares com o braço, demonstro a abrangência dos culpados, não vejo rostos, apenas pontinhos opacos de tinta mal diluída.

— Somos constantemente assediados a violar a qualidade do nosso trabalho, a transpor os limites do nosso corpo e das condições legais. Ingrid tenta me fritar com os olhos: “Você está maluca, Helena?” Seu peito incha e parece que um dos botões do blazer vai estourar.

— Vim trabalhar aqui iludida pelo seu belo discurso de que esta era uma empresa moderna que gosta de ouvir seus funcionários, lhes dar voz. O dedo agora aponta para ela. — Mas só o que vejo é que vocês aperfeiçoaram as formas de nos coagir e o fazem de forma sutil, mas igualmente violenta. Sei que continuei com aquela pregação por mais algum tempo, Ingrid me interrompia eventualmente, bradando qualquer coisa, mas a minha metralhadora estava carregada e enquanto tivesse saliva ia cuspir tudo em cima deles. À medida que falava, pude observar os risinhos da Carol, eu estava exatamente onde ela queria; percebia também o espanto de Nanci, ela me suplicava com os olhos para que eu parasse com aquilo que para ela era um suicídio. Mas eu prossegui, a maioria manteve-se perplexa, imóvel, divertindo-se com a minha automutilação, as reações vinham apenas de Ingrid. Levantamos o tom de voz, discutimos e chegamos bem perto uma da outra, não recuei, mantive-me firme até ela sair da sala aos gritos e me deixar com a breve sensação de vitória.

Viro-me para os rostos espantados, cruzo por eles para pegar minha bolsa e o silêncio é sonoro. Antes de sair da sala, avisto

Nanci, sua expressão me informa que as coisas podem piorar ou melhorar para ela, mas ela não vai reagir. Ao chegar à rua já não estou mais eufórica, percebo que está perto daquela hora em que o sol faz tudo mudar de cor, caminho em direção ao meu apartamento, confiante e com medo, as pessoas, a rua, a vista da cidade têm o mesmo sabor dos campos cerrados da minha infância, sinto que posso pintá-los e agora pretendo manter-me dentro desta pintura.



O LOBO DA SERRA DO CORVO

Terça-feira, 12. Mercado do Porto.

ENCONTREI UM LOBO QUE CAMINHAVA ENTRE AS PESSOAS SEM SER notado, esfregava seu corpo enorme e peludo entre os passantes e parecia sentir prazer nisso, era como se ele pudesse saborear a presa só de esfregar a ponta dos pelos na pele nua. Estava atento e à vontade ao mesmo tempo, pois um lobo sabe exatamente onde deve estar para que não o vejam, percebe sons, cheiros e intenções, enxerga no escuro quase tão bem quanto no claro, é astuto e sabe cercar uma presa. Ver um lobo costuma não ser um bom sinal, ainda mais este tipo, para o qual todos somos presa fácil. Acontece que eles também são hipnotizantes, eu sei porque já me arrisquei muito para poder chegar perto, observar um lobo é quase um vício.

Sim, é verdade que não somos a caça preferida da maioria das espécies, mas este, este lobo que encontrei é diferente, talvez ainda nem saiba o que é, e parece lutar contra sua própria

natureza. Hoje saiu à rua, pois é um dia seguro para os da sua espécie. Mas amanhã talvez sinta a fome e, se ainda não compreende do que se trata, pode querer controlar esse impulso. Ao que me parece já faz isso há algum tempo, deve ter passado noites horríveis, cerrado dentro de um quarto, sentindo um chamado cuja violência tenta negar, e parece que resistiu, torturou até a última de suas fibras, suou, sangrou e grunhiu como um prisioneiro açoitado, e quando a força que o perturbava cessou, sentiu-se fraco e usado.

Mas hoje foi diferente, eu o vi relaxado e entregue à sua natureza, narinas abertas e pelo eriçado, aproveitando o aglomerado de gente como disfarce, mas não era uma noite de caça, apenas reconhecimento do terreno.

Quinta feira, 21. Serra do Corvo.

Eu descobri onde mora o lobo, é uma casa isolada no alto do morro, um pouco mais movimentada do que eu imaginava. Parece que uma família o procurou há alguns meses e locaram alguns quartos. Moram na mesma casa, mas não interagem muito. Uma luz fraca no quarto de cima não apaga nunca, vejo sua silhueta cruzar a janela repetidas vezes, ele caminha muito pelo quarto, talvez seja um escritor, pois lê e conversa sozinho com frequência. Só desce para a cozinha depois que todos já dormiram. Deve dormir a maior parte do dia, mas já o vi caminhando pelas redondezas da propriedade. Ele mantém uma

horta e um orquidário na parte baixa do terreno, próximo ao rio; quando não está em casa, está lá.

Sexta feira, 22. Serra do Corvo.

Parece que finalmente alguma coisa pode acontecer, a última semana foi um tanto monótona, mas recentemente o comportamento de lobo voltou a emergir. Em uma noite, ele subiu no telhado e passou toda a noite à espera da lua, em outra, estive se esgueirando pela casa, à espreita, vigiando a família enquanto comiam, dançavam e dormiam. Comprei um binóculos mais potente e agora consigo ver até o eriçar dos pelos quando ele está excitado. É logo, vai acontecer, esta família está em perigo.

Com certeza, a esta altura você deve estar pensando: “Quem é esse velho falando esse monte de abobrinhas?”. E deve vir junto a ideia de que talvez eu não saiba do que estou falando, afinal como alguém pode conhecer tanto sobre lobos? E ainda mais sobre esta espécie rara que não se deixa capturar? Acontece que já fui um bom caçador e por muito tempo ouvi falar deste tipo especial de lobo, todos já ouvimos falar dele. A maioria de nós aprende a não dar bola para essas histórias, outros se deixam levar por acontecimentos obscuros e passam o resto de suas vidas jurando que viram ou que acham que viram.

Enfim, em algum ponto comecei a me irritar com essas histórias e fui atrás de qualquer um que tivesse alguma informação sobre esse tipo de lobo.

As histórias se confundem e se encontram e se embaralham, é um inferno! Achava que juntando as informações iria conseguir encontrar padrões, mas acabei desanimando. Até que certo dia, um pedaço de jornal esquecido no banco de uma estação reascendeu minha curiosidade. Aquilo que o jornal noticiava como um crime hediondo, na verdade me parecia ação de lobo faminto. Passei a pesquisar em jornais e revistas notícias de crimes estranhos e ataques de animais selvagens, cruzei informações e usei meu faro de caçador, por um tempo fiquei doente tentando achar, estive internado duas vezes com sintomas de alucinação. Mas depois de me recuperar, voltava a seguir rastros e quando eu finalmente encontrei um lobo entendi por que me era tão importante essa busca. Na verdade, naquele dia em que estive cara a cara com o lobo lembrei já ter visto um olhar como aquele, de fato não era minha primeira vez com um lobo e a sensação que marcou toda a minha vida depois do primeiro encontro era de que aqueles olhos eram janelas para um outro mundo, aquele olhar revelava tudo sobre mim e o mundo que conhecia, pois estava aberto para uma outra possibilidade, livre das amarras mesquinhas que fui construindo pessoalmente para me proteger, amarras que não construí sozinho, pois herdei da nossa cultura, da nossa história. Olhar aqueles olhos deixava claro como era selvagem aquele ser, e foi por isso que do inconsciente da minha memória nasceu a vontade de encontrar um lobo, porque em cada história contada, em cada encontro relatado eu sentia a mesma emoção, eu precisava chegar mais

perto, mesmo que aterrorizado pelo que aqueles olhos representam, eu tinha que chegar perto.

Desse primeiro encontro não pude extrair todo o proveito, pois, como disse: são astutos, e logo perdi o rastro. Este de agora descobri quase por acaso, quase por acaso, pois meus sentidos estão sempre ligados.

Sábado, 23. Serra do Corvo.

A estrada que separa o morro onde fica a casa do lobo do morro onde fiz minha tocaia passa por um vale extenso e vai da cidade até um vilarejo na parte baixa; poucos carros passam por aqui e quando o fazem levantam uma poeira desgraçada, já estou coberto dela; algumas bicicletas e poucos passantes são os poucos eventos dessa estrada. Nada disso desperta a curiosidade dele, passa os dias lendo na sua masmorra, só faz isso, tremenda chatice, já estou de saco cheio, acho que me enganei.

Domingo, 24. Serra do Corvo.

Hoje percebi uma agitação fora do normal, ele estava lendo no beiral da janela, mais um dia infernal, pensei. Então uma inspiração mais profunda, fechou o livro de pronto, olhou ao longe e abriu as narinas, ficou petrificado, como entre o medo e a ação, olhou para a estrada na direção da cidade, também olhei,

não havia nada. Então decidiu, fechou as janelas de imediato e apagou as luzes, estava respirando tão profundamente que o ouvia daqui. Foi estranho, a luz da tarde mudou de repente, senti a pressão do ar cair e um vento frio gelou minha espinha, você com certeza teria sentido medo.

Tive um certo receio do que poderia vir, então avistei a ameaça, uma bonita jovem, distraída com seu *walkman*. Vinha balançando a cabeça e chutando pedrinhas, uma cena adorável. Pouco antes da menina passar em frente à casa, o arfar de respiração cessou. Em seguida ouvi movimentação na casa, portas, escadas, barulhos de coisas caindo, a menina parece ter mexido com ele. Sim, agora, sim, lá está ele fora da casa com postura de caça, olhar fixo na presa que já se encontra a certa distância da casa; ele decide voltar, sobe em uma bicicleta e pedala com toda a força, levanta poeira e faz muito barulho, em segundos está a centímetros de distância da presa, talvez pule da bicicleta em movimento e crave os dentes na sua jugular, mas ele passa a toda velocidade por ela e some na primeira curva. A garota se assustou, depois xingou e esbravejou, mas quando voltou a caminhar senti um passo preocupado que logo ficou relaxado e deu lugar ao caminhar despreocupado e ao chute de pedrinhas, mas do alto do morro ainda podia vê-lo, logo após a primeira curva, à espera.

Primeira edição – 2025

Tiragem: 1000 exemplares

Proposta executada pelo Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), com recursos do Governo Federal e da Política Nacional Aldir Blanc.

**Circuito
Catarinense
de Cultura**



**Fundação
Catarinense
de Cultura**



POLÍTICA NACIONAL
**ALDIR
BLANC**
DE FOMENTO À CULTURA

**MINISTÉRIO DA
CULTURA**

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

“Antes do movimento, há o prenúncio: o som das caldeiras em ebulição, das fornalhas que transformam a matéria bruta em calor, da energia que se transforma e se impõe contra a natureza inerte da matéria. Então, se há movimento, é porque houve ambição, desde a vontade ansiosa e instável de um elétron que se agita por uma quimera de energia, até a pesada estrutura de ferro de uma locomotiva que exige muitos cavalos de força para satisfazer seu deslocamento, todos têm seu preço. Lúcia queria ser um elétron, queria ser como Anita, mas se sentia a própria locomotiva estacionada, pesada e imóvel.”

Proposta executada pelo Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), com recursos do Governo Federal e da Política Nacional Aldir Blanc.